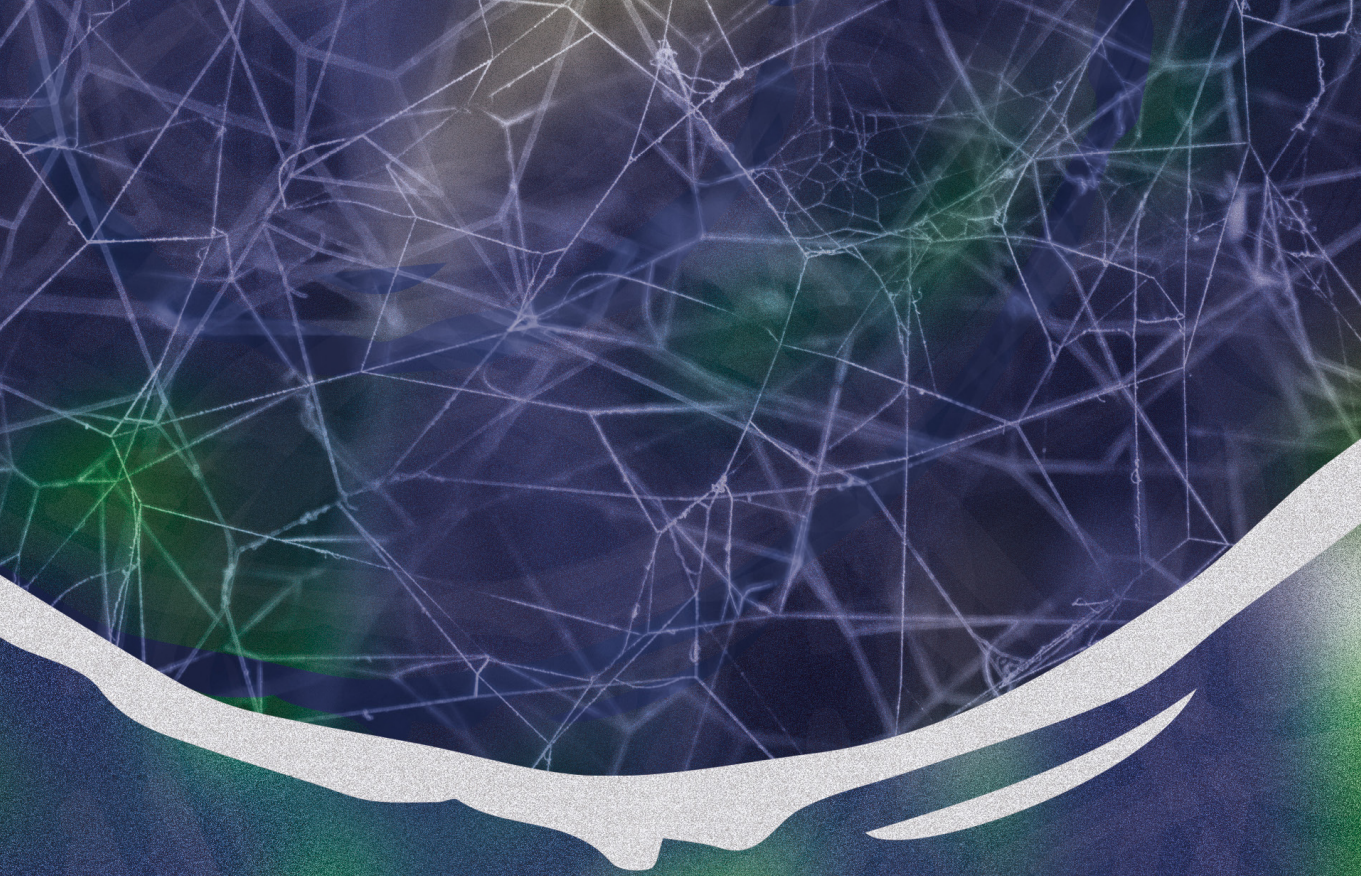


EDITORA
UnB

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz de Farias

EDITORA
UnB

Conselho editorial
Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

EDITORA
UnB

Antropologia-Educação

Experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira
(organizador)

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial	Percio Sávio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
	Talita Guimarães Sales Ribeiro
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Gabriela Costa Silva Capuano
Diagramação	Uilca-Terra R. M. M. Martins
Foto de capa	General Kenobi, via Pexels.com

© 2024 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

A636 Antropologia-Educação [recurso eletrônico] : experiência, imaginação e conhecimento / Alessandro Roberto de Oliveira, organizador. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
154 p. – (Série ensino de graduação).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-242-2.

1. Antropologia. 2. Educação. 3. Experiência. 4. Imaginação. I. Oliveira, Alessandro Roberto de (org.). II. Título. III. Série.

CDU 39

Fernanda Cordeiro de Carvalho – CRB 1/2339

Imagino a vida dos outros.
Não é por cobiça.
É por vontade que dê certo.
O paraíso são os outros, Valter Hugo Mãe

Sumário

Apresentação 11

Ensinar e aprender Antropologia na interface com a Educação 13
Alessandro Roberto de Oliveira

Parte 1 – Trajetórias 27

Choque cultural e Educação: de Codó ao DF 29
Rafael Moreira dos Santos

As gerações e a vida em uma agrovila 31
Bruna Silva de Jesus

“Tenha educação!” 35
Andressa Felix Albuquerque

Diversidade de infâncias: reflexões sobre contexto, educação e cultura 39
Anna Lua Miranda da Silva Paz

Legado familiar: a influência transformadora da educação 41
Joyce Soares Ramos

Uma família de mulheres 42
Letícia Nayra Matias vianna de Almeida

Contra a morte e pela vida: a luta de uma mulher negra por si e pelos seus 47
Railane Lima de Almeida

Parte 2 – Infâncias 51

Infâncias diferentes, educações diferentes: a história de Dona Tereza 53
Ohani Araujo Lima

Laços de infância(s) 57
Maria Eduarda dos Santos Martins

As concepções de infância na pediatria do Sarah Kubitscheck 61
Clara Alessandra Santana Borba

Fumaça de terra 65
Ludmila Galdino Cândido

A história de Matheus 69
Arlete Carvalho Souza

Os adultos é que não sabem – um ensaio antropológico 73
Isabel Gomes Aguiar Teodoro

Os múltiplos saberes dentro da infância e da educação 77
João Vitor de Oliveira da Silva

Parte 3 – Ficções 81

A voz da diversidade diz: “Eu existo!” 83
Priscila Rubem de Sousa

Como estrelas na Terra – toda criança é especial 87
Ana Gabriela Militão de Souza

Tales by light: educação e cultura 91
Suzane Ferreira Santos

Raya e o último Dragão 97
Anna Clara Vitor de Sena

O bicho vai pegar 2 101
Nicole de Melo Sales

Educação, Cultura e Antropologia: a história do menino que descobriu o vento 105
Emanuele Damascêna Portela de Oliveira

Educação fora da cerca: os olhares e passos aventureiros de um menino-cervo 109
Gabrielle Montalvão Ferreira

Parte 4 – Escolas 115

A dificuldade de ler e o papel do professor 117
Stephanie de Sousa Lima

Conversa com quem gosta de ensinar: ensaio sobre a cultura e a Antropologia como Educação 121
Isabela Siqueira Palhano Cabral

Carla: a experiência de uma recém formada em Pedagogia 125
Ester Sandes Camargo

Leituras de Calvin e Haroldo e minha experiência na educação infantil 129
Nami Dansa Motta

A cor é tudo 133
Ana Luísa Morais de Almeida

“Henriqueeeee, hora de tomar banho para ir ao colégio” 137
Sarah Ingrid Pereira Guedes

Minha experiência de estágio 141
Letícia Vaz Pereira Barbosa

Antropologia-Educação: algumas considerações 143
Alessandro Roberto de Oliveira

Apresentação

Alessandro Roberto de Oliveira

Esta coletânea pretende disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o conteúdo aqui reunido é direcionado para esta disciplina, mas pode ser de interesse para as Ciências da Educação de maneira geral, a partir de uma perspectiva da Antropologia, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.[1]

Do mesmo modo, este material também pode ser útil para professores e estudantes das Ciências Humanas e Sociais, e da Antropologia em particular, na medida em que alguns fundamentos e noções básicas da disciplina são aqui retomados por leituras que se apropriam de seus sentidos convencionais e inventam outras formas de operar essas ideias de maneira criativa a partir do universo de interesse da Pedagogia. Para além da universidade, este livro também pode contribuir com professores e estudantes do ensino médio na Educação Básica, quando interessados em conversar e refletir sobre as relações entre educação e cultura, marcadores sociais da diferença e espaços escolares. Por fim, pode atrair ainda profissionais da Pedagogia que atuam na Educação Infantil, interessadas nas reflexões sobre infâncias.

Aqui reunimos 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período do curso de Pedagogia produzidos entre 2020 e 2022. Os textos estão distribuídos em quatro partes. A primeira é *trajetórias* e reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. A segunda é *infâncias*, e trata de diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com os filhos. A terceira, *ficções*, reúne escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. Por fim, *escolas* fecha o livro com ensaios que partem de cenas escolares, seja na posição de estudantes seja como estagiárias ou professoras da Educação Infantil, enfocando

[1] Os textos aqui encontrados tratam ora do fenômeno da educação, em seu sentido amplo, ora da Educação como área do conhecimento. Para marcar essa diferença, utilizamos a distinção entre os usos das iniciais maiúsculas (quando se trata da Educação como campo do conhecimento) e minúsculas (quando se trata do fenômeno).

dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Na realidade, os ensaios transitam entre esses domínios, alguns textos sobre trajetórias falam de infâncias e escolas, ensaios sobre infâncias tratam de escolas a partir de histórias ficcionais, escritos que tematizam ficções versam sobre infâncias, trajetórias e escolas, além dos próprios textos sobre escolas que entrecruzam os tópicos anteriores. Portanto, a composição funciona melhor como um tecido de histórias entrecruzadas sobre educação.

Este conjunto é precedido de um texto introdutório que situa a experiência e de outro, ao final, que discute algumas questões sobre as relações interdisciplinares na interseção entre os campos da Antropologia e Educação, além de destacar algumas características dos ensaios reunidos nesta obra.

Passemos à leitura!

Parte 3 – Ficções

A voz da diversidade diz: “Eu existo!”

Priscila Rubem de Sousa

Na série *Degrassi Next Class* (2016), no sexto episódio da segunda temporada, os personagens Zoë e Winston estão apresentando um trabalho escolar sobre o Japão Imperial. Ambos decidem se caracterizar com as roupas típicas do país em questão. Nesse sentido, Zoë aparece vestida em um kimono (vestimenta tradicional), uma peruca de cabelos pretos e longos, além disso, com o rosto pintado com uma tinta branca. Ao seu lado, Winston surge vestido com uma roupa bastante usual em guerras. Entretanto, tal “homenagem” não é bem-vista por seus colegas de classe, uma vez que tentar reproduzir a cor da pele de um povo com tintura e suas vestimentas pode ser considerado uma ação racista e preconceituosa.

Em seguida, uma das alunas presentes na sala de aula questiona tal representação feita pela dupla, visto que há pouco tempo houve um caso de racismo no âmbito escolar no qual eles se encontram. O professor, também presente neste momento, os orienta a trocar de roupa e terminar a apresentação para que mais ninguém ali na sala se sinta ofendido. Sob essa perspectiva, pode-se compreender que é imprescindível que o ensino escolar seja democrático, laico, e bem-orientado para que toda diversidade cultural da sociedade seja respeitada. Ao generalizar um povo e sua cultura, estamos, mesmo que inconscientemente, sendo etnocêntricos, ou seja, reduzindo as vivências e as especificidades do contexto cultural no qual eles estão inseridos a partir do nosso olhar autocentrado.

O antropólogo Tim Ingold nos traz essa mesma reflexão. Todo estudo demanda observação, mas, na Antropologia, a observação se dá não pela objetificação dos outros, mas prestando atenção a eles, vendo o que fazem e escutando o que dizem, estudando com as pessoas, em vez de fazer estudos sobre elas (Ingold, 2019, p. 12). Desse modo, quando Zoë e Winston expuseram sua visão sobre a cultura japonesa, faltou-lhes sensibilidade para falar sobre tal povo de maneira a legitimá-los e não apenas utilizar sua representação social e cultural como uma espécie de “fantasia”. Além do mais, ouvir pessoas japonesas faz-se essencial para melhor entendê-las, uma vez que somente elas poderão falar, de modo inteiramente verídico, a respeito de sua cultura.

Hodiernamente, é bastante comum vermos povos de culturas diversas serem representados em festas que fazem uso de fantasias, sobretudo no carnaval, como personagens. Nessa ótica, as principais vítimas dessa generalização são os povos indígenas. Em geral,

esses povos são retratos como desprovidos de inteligência ou até mesmo taxados como inocentes. Isso fica explícito no texto *O que é Educação* (1985), de Brandão, em que chefes indígenas são surpreendidos por algumas cartas dos governantes de Virginia, orientando-os a mandar seus jovens guerreiros para estudar na escola dos brancos, a fim de fornecer-lhes um tipo de educação considerada a "ideal".

Contudo, a resposta recebida pelo Governo é a seguinte:

> Nós estamos convencidos, portanto, que os senhores desejam o bem para nós e agradecemos de todo o coração. Mas aqueles que são sábios reconhecem que diferentes nações têm concepções diferentes das coisas e, sendo assim, os senhores não ficarão ofendidos ao saber que a vossa ideia de educação não é a mesma que a nossa. Muitos dos nossos bravos guerreiros foram formados nas escolas do Norte e aprenderam toda a vossa ciência. Mas, quando eles voltavam para nós, eles eram maus corredores, ignorantes da vida da floresta e incapazes de suportarem o frio e a fome. Não sabiam como caçar o veado, matar o inimigo e construir uma cabana, e falavam a nossa língua muito mal. Eles eram, portanto, totalmente inúteis. Não serviam como guerreiros, como caçadores ou como conselheiros. Ficamos extremamente agradecidos pela vossa oferta e, embora não possamos aceitá-la, para mostrar a nossa gratidão oferecemos aos nobres senhores de Virginia que nos enviem alguns dos seus jovens, que lhes ensinaremos tudo o que sabemos e faremos, deles, homens (Brandão, 1985, p. 8-9).

Dessa madeira, percebe-se mais uma vez que, comumente, o contexto cultural dos diferentes povos é ignorado. Uma visão do que é idealmente "certo" passa a vigorar, eliminando a diversidade e hierarquizando culturas. De algum modo, essa noção civilizatória e preconceituosa continua, infelizmente, perdurando na sociedade atual. Todavia, é factual que cada meio social se organiza de uma determinada maneira, não havendo espaço para estabelecer uma cultura ou educação universal para todos os povos.

De acordo com minhas vivências pessoais, como mulher negra e pobre, posso afirmar que por vezes fui e sou silenciada em situações nas quais minha fala se faz primordial, sobretudo, quando se trata de racismo. Ainda no ensino fundamental, sofri as consequências de tais mazelas diversas vezes. Lembro-me com bastante tristeza de que constantemente a presença da minha mãe era solicitada na escola. No geral, apelidos maldosos e racistas eram direcionados a mim diariamente. Apesar da minha pouca idade, eu sentia no meu íntimo que aquilo não era "normal", mas faltava-me a explicação de um adulto a respeito da vida escolar de crianças negras.

Além disso, afirmo com total certeza de que, realmente, a infância de uma criança negra ou indígena se diferencia de outras noções de infâncias. Nessa lógica, Clarisse Cohn, em seu texto *Concepções de infância e infâncias:* um estado da arte da Antropologia da criança no Brasil, diz:

> assim, a experiência da infância (e seu valor), é diversa para cada sociedade indígena. Não podemos pressupor uma criança e uma infância universais,

> mas talvez não possamos também pressupor uma noção de infância, particular, mas sempre válida. Mais que isso, não devemos trocar seis por meia dúzia, e acreditar que poderemos isolar infâncias indígenas particulares. Ou seja, na recusa da infância ocidental como definidora das indígenas, buscar as infâncias indígenas como se elas pudessem ser definidas como esta, a ocidental (Cohn, 2013, p. 227-228).

A cultura negra dificilmente é abordada no contexto escolar, o que corrobora com o racismo. Esse desconhecimento faz com que diversas crianças se sintam deslocadas, visto que, na maioria das vezes, os heróis e as princesas de filmes infantis são representados por personagens brancos. Sendo assim, ao chegar na escola, tal realidade encontra-se imposta. Crianças negras são apresentadas ao lápis de cor bege, simbolizando a cor de pele das pessoas. Logo, uma visão racista é ensinada a indivíduos que estão aprendendo, literalmente, a viver em sociedade. As diferenças são acentuadas de maneira negativa entre as crianças desde cedo, formando futuros adultos que não compreendem e muito menos respeitam o que é diverso.

Ainda hoje no “dia do índio”, por exemplo, as crianças são incentivadas pela escola a pintar seus rostos para “homenagear” os povos indígenas. O papel da criança, nesse contexto, passa a ser o de propagar noções generalizadas de indivíduos culturalmente inferiorizados em nosso país. Assim sendo, ao inserir uma criança indígena na escola brasileira denominada “dos brancos”, como menciona Brandão, o resultado é o etnocentrismo. Diante disso, não é possível, a meu ver, ultrapassar tais barreiras etnocêntricas se a educação permanece sendo tratada como universal para todos os povos.

Portanto, celebrar as diversidades de culturas, raças e de gêneros deveria ser o lema principal das escolas. Embora exista uma mobilização desses atores sociais em datas comemorativas, é no cotidiano que ideologias preconceituosas continuam sendo ensinadas por eles. Ademais, deve-se considerar que:

> Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam. Entendido assim, o estudo da cultura contribui no combate a preconceitos, oferecendo uma plataforma firme para o respeito e a dignidade nas relações humanas (Santos, 1994, p. 1).

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Esta coletânea tem como finalidade disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o livro reúne 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período de curso distribuídos em quatro partes. *Trajetórias* reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. *Infâncias* apresenta diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com filhos. *Ficções* é composta de textos escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. *Escolas* fecha o livro com ensaios sobre cenas escolares, enfocando dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Esse conteúdo pode ser interessante para as Ciências da Educação de maneira geral, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.

EDITORA UnB

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO